

# A ELISÃO DE $V_1$ NO PORTUGUÊS ARCAICO: DUAS ABORDAGENS FONOLÓGICAS

## THE $V_1$ ELISION IN OLD PORTUGUESE: TWO PHONOLOGICAL APPROACHES

Ana Carolina Cangemi\*

UNESP

Gladis Massini-Cagliari\*\*

UNESP

**Resumo:** A proposta deste artigo é a discussão sobre duas maneiras de abordagens fonológicas no tratamento do processo de elisão de  $V_1$  no português arcaico. Pretendemos, por meio do mapeamento e da quantificação de dados, advindos de cantigas medievais galego-portuguesas, verificar em que medida os modelos teóricos contribuem com a formalização e o entendimento desse processo fonológico. Abordamos, enatão, os benefícios explicativos dos modelos teóricos apresentados.

**Palavras-chave:** Elisão. Cantigas de Santa Maria. Teorias não-lineares. Teoria da Otimalidade. Português arcaico.

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss two ways of phonological approaches in the treatment of the  $V_1$  elision process in Old Portuguese in Old Portuguese. We intend through the mapping and quantifying data, from medieval Galician-Portuguese songs, to verify the extent to which theoretical models contribute to the formalization and understanding of this phonological process. We then approach the explanatory benefits of the theoretical models presented.

**Keywords:** Elision. Songs from Santa Maria. Nonlinear theories. Optimality theory. Old Portuguese.

### INTRODUÇÃO

Alinhados com o propósito do dossiê de discutir teoria e análise linguística em diferentes abordagens, propomo-nos a refletir de que modo duas abordagens fonológicas, a saber Teorias não-lineares e Teoria da Otimalidade, auxiliam no estudo de um processo de sândi vocálico externo, a elisão de  $V_1$  no português arcaico. Em Cangemi (2014) e Massini-Cagliari (2006), o alvo das investigações desenvolvidas restringiu-se ao mapeamento e à análise de processos fonológicos e rítmicos em cantigas galego-portuguesas sem o diálogo entre modelos teóricos. Muito embora os trabalhos desenvolvidos contribuísem com o desenvolvimento de estudos fonológicos nesse período do português, não consistia como objetivo tecer considerações sobre

---

\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras (Câmpus de Araraquara) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5395-9862>. E-mail: [ana.cangemi@unesp.br](mailto:ana.cangemi@unesp.br).

\*\* Professora Titular da Faculdade de Ciências e Letras (Câmpus de Araraquara) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>. E-mail: [gladis.massini-cagliari@unesp.br](mailto:gladis.massini-cagliari@unesp.br).

as (des)vantagens dos modelos adotados. Falta, pois, acrescentar uma reflexão sobre as duas abordagens fonológicas adotadas em relação ao sândi vocálico externo.

Com o intuito de desenvolvermos nosso propósito, organizamos este artigo em seções: na primeira, apresentamos o corpus utilizado; em seguida, na segunda, a metodologia adotada; na terceira, revisitamos a bibliografia teórica que trata do sândi vocálico externo e, na quarta, a referente a modelos teóricos; caminhando para o final do artigo, são apresentados os resultados e as considerações finais.

## CORPUS

Quis o destino que sobrevivessem os três cancioneiros galego-portugueses, e ainda os códices das Cantigas de Santa Maria, que, sem dúvida, não somam toda a produção poética trovadoresca, mas constituem um conjunto concreto sobre o qual o pesquisador tanto com interesse literário como com intenção de análise linguística pode definir como sendo representativo da produção medieval poética portuguesa. (Mattos e Silva, 1989, p. 17).

Os trabalhos de Cangemi (2014) e Massini-Cagliari (2006) apresentam a análise de processos rítmicos e fonológicos em cantigas medievais galego-portuguesas, profanas e religiosas. Para este artigo, a constituição de *corpus* considera as cantigas religiosas, Cantigas de Santa Maria (CSM)<sup>1</sup>, pois ambas as autoras as trabalham.

As CSM do Rei Afonso X de Castela, o Rei Sábio, são uma coleção de 420 poemas que recontam milagres das intercessões da Virgem Maria, datados do final do século XIII. Muitas vezes, os poemas, escritos na língua medieval galego-portuguesa – língua preferida pelos poetas líricos daquela época (O'CALLAGHAN, 1998, p. 1) –, são iluminados em miniaturas de página inteira. Segundo Parkinson (1998, p. 179), as CSM constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. Lapa (1933, p. iii) considera “[...] um dos mais primorosos monumentos da língua e literatura galego-portuguesa”.

Para Leão (2007, p. 21), esse cancionero mariano é “[...] de longe a maior e mais rica coleção produzida nos vernáculos românicos da Idade Média sobre esse tema”. Leão (2002, p. 3) considera que, do ponto de vista do léxico, as Cantigas (de Santa Maria) apresentam uma riqueza imensa, (como também, em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, falam-nos não só da vida religiosa, mas também da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos, enfim, do cotidiano medieval na Ibéria. É evidente que essa temática complexa tem repercussões na linguagem.

Em sua maioria, as CSM contêm notação musical e todas são compiladas em português arcaico por Afonso X, o rei Sábio. Além da notação musical, em alguns códices, as cantigas contêm, também, *iluminuras* – desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga (Figura 1).

<sup>1</sup> Ver Afonso [Alfonso] X (1933, 1979, 1989, 2003).

**Figura 1:** CSM 99 – Códice Rico

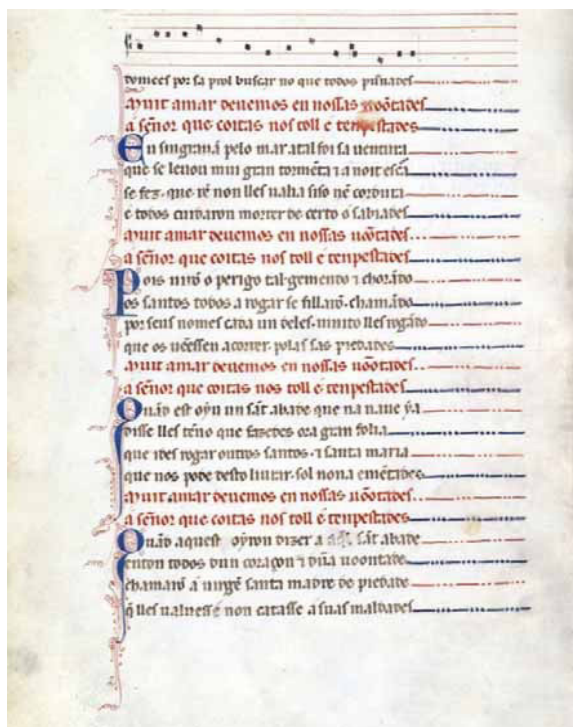


Fonte: Imagem extraída de Warfare.totalh.net.<sup>2</sup>

A respeito das iluminuras, Leão (2007, p. 27) diz que “[...] enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da sequência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética”. Todavia, há um códice das CSM que não contém iluminuras. Trata-se do Códice Toledo. Esse códice pode ser encontrado na Real Biblioteca de San Lorenzo de El Escorial. Trazemos, na Figura 2, a mesma CSM 99. No entanto, retirada do Códice de Toledo.

<sup>2</sup> *The Moors who Tried to Destroy an Image of the Virgin*. Disponível em: [http://warfare.totalh.net/Cantiga/Cantigas\\_de\\_Santa\\_Maria-099.htm](http://warfare.totalh.net/Cantiga/Cantigas_de_Santa_Maria-099.htm). Acesso em: 8 maio 2020.

Figura 2: CSM 99 – Códice Toledo



Fonte: Imagem extraída da Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional da Espanha.<sup>3</sup>

A maioria dos estudiosos das CSM, como Parkinson (1998), acredita que nem todas as cantigas são de autoria exclusiva do rei, pois seu valor artístico muito desigual aponta para uma multiplicidade de autores. Contudo, não é impossível que Dom Afonso X tenha composto algumas delas, sendo ele próprio um poeta e estando “[...] empenhadíssimo na estruturação e na composição da obra” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 61).

## METODOLOGIA

Para a escansão dos versos e, conseqüentemente o, mapeamento de processos fonológicos, utilizamos uma metodologia que parte do mapeamento de todas as soluções para os encontros vocálicos intervocabulares, a partir da notação que receberam nos testemunhos manuscritos das cantigas. A presente metodologia busca abstrair da escansão dos versos em sílabas poéticas os limites entre as sílabas fonéticas.

Essa metodologia foi inaugurada, no Brasil, por Massini-Cagliari (1995), e busca as características prosódicas de línguas mortas ou de períodos passados de línguas vivas por meio da estrutura métrico-poética da poesia. A escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas sobre a consideração de uma seqüência de vogais pertencentes a duas

<sup>3</sup> *The Patrimonio Nacional or the Escorial Library*. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000018650>. Acesso em: 8 maio 2020.

palavras em uma única ou em sílabas diferentes. Assim sendo, a escrita dos manuscritos medievais aqui considerados como fonte é particularmente reveladora do fenômeno da elisão, já que não costumavam ser grafadas as vogais apagadas no processo de elisão. Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento dos processos fonológicos, está exemplificada em (1), em que aparecem as duas primeiras estrofes da CSM 29<sup>4</sup>.

(1)

- |     |  |                |
|-----|--|----------------|
| 1.  | Esta é como Santa Maria fez parecer nas pedras |                |
| 2.  | omagêes a ssa semellança.                      |                |
| 3.  | Nas/ men/tes/ sen/pre/ tẽ/er                   | A <sup>7</sup> |
| 4.  | de/ve/mo/-las/ sas/ fei/tu/ras                 | B <sup>7</sup> |
| 5.  | <b>da</b> / Vir/gen/, pois/ re/ce/ber          | A <sup>7</sup> |
| 6.  | as/ fo/ron/ as/ pe/dras/ du/ras.               | B <sup>7</sup> |
| 7.  | Per/ quan/ <b>t' eu</b> / di/zer o/ý           | c <sup>7</sup> |
| 8.  | a/ mui/tos/ que/ fo/ron/ y,                    | c <sup>7</sup> |
| 9.  | na/ san/ta/ Ge/sse/ma/ni                       | c <sup>7</sup> |
| 10. | fo/ron/ a/cha/das/ fi/gu/ras                   | b <sup>7</sup> |
| 11. | <b>da</b> / Ma/dre/ de/ Deus/, a/ssi           | c <sup>7</sup> |
| 12. | que/ non/ fo/ron/ de/ pin/tu/ras.              | b <sup>7</sup> |
| 13. | Nas mentes sempre tẽer...                      |                |
| 14. | Nen/ ar/ en/ta/lla/das/ non                    | d <sup>7</sup> |
| 15. | fo/ron/, se /Deus/ me/ per/don,                | d <sup>7</sup> |
| 16. | <u>e/ a/vi/a/ y/ fay/çon</u>                   | d <sup>7</sup> |
| 17. | <b>da</b> / Se/nnot/ <b>das</b> / a/pos/tu/ras | b <sup>7</sup> |
| 18. | con/ sseu/ Fi/ <b>ll'</b> , e/ per/ ra/zon     | d <sup>7</sup> |
| 19. | fei/tas/ ben/ per/ sas/ me/su/ras.             | b <sup>7</sup> |
| 20. | Nas mentes sempre tẽer                         |                |

Nesta cantiga, os versos contêm sete sílabas poéticas. É possível estabelecer o caráter das elisões presentes: da(s) = de+a(s) (linhas 5, 11 e 17); quant'eu = quanto + eu (linha 7); Fill'e = Fillo + e (linha 18). Além disso, devem ser consideradas como hiatos as sequências E-A (linha 16); A-I (linha 16). Nota-se que, nessa cantiga, a solução de ditongação não foi encontrada, devido à marginalidade desse processo no contexto geral do *corpus*.

A metodologia para a análise de processos fonológicos em um momento da língua que não havia gravações se faz por meio da procura de pistas em textos escritos. Assim, com o intuito de encontrarmos tais pistas, textos poéticos são considerados, principalmente com uma métrica fixa, para observação de como o poeta trovador contava e delimitava as sílabas

<sup>4</sup> Ver Mettmann (1972, 1986).

poéticas. Localizando os acentos em cada verso, a partir da notação que receberam nos testemunhos manuscritos das CSM, podemos observar também os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Observados esses elementos, são mapeadas todas as soluções para os encontros vocálicos intervocabulares (elisões, crases, hiatos, ditongos e/ou algum outro processo que porventura possa ser encontrado). Os dados fornecidos por meio da escrita, com a escansão dos versos do *corpus* proposto, revelam aspectos que podem ser estudados. Com os versos escandidos em sílabas poéticas, trabalhamos no sentido de abstrair os limites entre as sílabas fonéticas.

É possível afirmar que a metodologia consiste na busca das características prosódicas de línguas mortas ou de períodos passados de línguas vivas por meio da estrutura métrico-poética da poesia. A escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas sobre a consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes.

## SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO

O termo *sândi*, proveniente da antiga gramática sânscrita, designa as alterações mórficas e fonológicas causadas pelo contato entre formas da língua (TRASK, 2004). Essas alterações podem ocorrer tanto no interior do vocábulo, sendo, assim, interno, quanto na justaposição vocabular – final de uma palavra com o início de outra; nesse caso, o processo é denominado externo.

Para Trask (2004, p. 260), o *sândi* é uma “[...] modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”. Para Xavier e Mateus (1990, p. 327-328), é um “[...] fenômeno da fonética sintática em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”. Todos os processos de *sândi* são opcionais, porque, em fala cuidada, podem ser realizados os hiatos.

A literatura sobre o *sândi* – Bisol (1989, 1992, 1996, 2000, 2002, 2003), Abaurre (1996), Abaurre, Galves e Scarpa (1999), Tenani (2002, 2003, 2004) e Collischoon (2005) – traz de forma unânime e sem controvérsias três processos fonológicos que operam em juntura vocálica intervocabular no português brasileiro: elisão (2), degeminação (3) e ditongação (4). Segundo Bisol (1992), o português é uma língua que revela sensibilidade ao peso da sílaba final, ao choque de acentos e, também, ao choque de núcleos silábicos em fronteira vocabular. Caso a última sílaba não esteja protegida por acento ou pausa, ocorre a perda de um dos núcleos silábicos e, conseqüentemente, da sílaba que o domina, operando a ressilabação, que dá origem aos três processos de *sândi* mencionados.

(2)

Meni[no] [a]legre → meni[na]legre  
 [CV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CV]<sub>σ</sub>

(3)

Meni[na] [a]legre → meni[na]legre  
 [CV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CV]<sub>σ</sub>

(4)

Meni[no] [a]legre → meni[nwa]legre  
 [CV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CVV]<sub>σ</sub>

Para o português arcaico (PA), Massini-Cagliari (1995) e Cangemi (2014) indicam também três processos, a saber: elisão de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> (5), crase (6) e ditongação (7).

(5)

a. sem[pre] [a]costumado → sem [pra]costumado  
 [CCV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CCV]<sub>σ</sub>

b. ou[va] [es]trela → ou[vas]trela  
 [CV]<sub>σ</sub> [VC]<sub>σ</sub> → [CVC]<sub>σ</sub>

(6)

bata[lla] [a]ver → bata[lla]ver  
 [CV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CV]<sub>σ</sub>

(7)

1. [mi] [o] → [mio]  
 [CV]<sub>σ</sub> [V]<sub>σ</sub> → [CVV]<sub>σ</sub>

2. [ti] [eu] → [tieu]  
 [CV]<sub>σ</sub> [VV]<sub>σ</sub> → [CVVV]<sub>σ</sub>

3. [mi] [al]go → [mial]  
 go[CV]<sub>σ</sub> [VC]<sub>σ</sub> → [CVVC]<sub>σ</sub>

Em relação à ressilabação, convém ressaltarmos que se trata de um processo comum às línguas românicas e, como pode ser percebido pelos exemplos arrolados, um dos gatilhos é o encontro de vogais. No encontro das vogais, as bordas pré-estabelecidas na subdivisão das palavras morfológicamente são perdidas e silabificam-se os segmentos previamente silabificados, resultando na quebra e na construção de novos limites.

## A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO SOBRE SÍLABA

The syllable is very important unit. Most people seem to believe that, even if they cannot define what a syllable is, they can count many syllables there are in a given word or sentence. If they are asked to do this they often tap their finger as they count, which illustrates the syllable's importance in rhythm of speech.<sup>5</sup> (Roach, 2001, p. 70).

Analisamos, nesta seção, a constituição interna da sílaba, uma vez que os fenômenos de sândi promovem uma ressilabação, isto é, uma nova formulação das sílabas que estão sendo desencadeadas no contato de palavras. Nas áreas de fonética e fonologia, esse primeiro nível prosódico tem sido abordado por diferentes modelos teóricos e em diferentes perspectivas. Um exemplo é a análise da sílaba feita por Cagliari (1981), partindo de suas características aerodinâmicas:

Dizemos [...] que um som é uma vogal, quando a configuração das cavidades supraglotais está aberta ao longo de todo o tubo pela linha central, de tal modo que a passagem de ar por aí é livre e não produz fricção local. Por outro lado, um som é uma consoante, quando nas cavidades supraglotais ocorre um bloqueio à corrente de ar ou um estreitamento do canal, de tal modo que a corrente de ar ao passar por ele produz fricção local. (CAGLIARI, 1981, p. 101).

Massini-Cagliari (2001, p. 1) reflete que “[...] as formas das sílabas variam de uma língua para outra e que a silabação é previsível, dentro de cada língua”. Embora a sílaba seja estudada de diferentes modos, como afirmamos anteriormente, é fato recorrente, ao consultar textos sobre a estruturação silábica, a sua formação em três partes: duas periféricas e uma parte central ou nuclear. Na parte nuclear, o elemento que está nessa posição atinge o limite máximo de força. Já nas partes periféricas ocorrem a intensificação e a redução dessa força.

Segundo Câmara Jr. (1973, p.70), a sílaba é formada por um movimento de ascensão - aclave ou crescente -, culminado em ápice, o centro silábico, e seguido de um movimento decrescente, declive. Para ele, a vogal é o centro dessa estrutura e a estrutura da sílaba depende desse centro e do possível aparecimento da fase decrescente, ou de uma ou outra em volta dele.

Freitas e Santos (2001, p. 20) observam que tradicionalmente a sílaba é considerada como um “agrupamento de sons em torno de uma vogal”. E as variadas definições de sílaba que surgem dos gramáticos antigos têm como ideia principal e comumente aceita que a sílaba se constitui em uma “[...] unidade de organização rítmica da fala, constituída por um conjunto de sons com coesão interna” (FREITAS; SANTOS, 2001). Outra concepção tradicional sobre a constituição silábica refere-se ao resultado de um único movimento expiratório, ou seja, de uma única emissão de voz (FREITAS; SANTOS, 2001). Segundo as autoras, vários gramáticos concebem a ideia de sílaba associados ao conceito de emissão de voz. Um exemplo são Celso Cunha e Lindley Cintra (2008):

<sup>5</sup> “A sílaba é uma unidade muito importante. A maioria das pessoas parece acreditar que, mesmo que não consigam definir o que é uma sílaba, podem contar muitas sílabas existentes em uma determinada palavra ou frase. Se forem solicitadas a fazer isso, elas frequentemente tocam com o dedo enquanto contam, o que ilustra a importância da sílaba no ritmo da fala.” (Roach, 2001, p. 70, tradução nossa).



Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA. (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 66).

As sílabas são tradicionalmente classificadas nas gramáticas portuguesas em: 1. sílabas abertas – sílabas terminadas em vogal - e fechadas – sílabas terminadas em consoante; 2. sílabas tônicas – aquelas que carregam o acento – e sílabas átonas – as que não contêm acento.

Mateus e d’ Andrade (2002, p. 38) definem a sílaba como uma construção perceptual, isto é, criada no espírito do falante. Por isso é difícil de defini-la. “We assume, as Ohala (1996), that ‘syllabicity is a perceptual construct, i.e., created in the mind of the listener’. In fact, speakers intuitively ‘feel’ the real existence of syllables and this feeling is evident in some kind of lapsi language”<sup>6</sup>.

Blevins (1995) observa que a relação entre sílabas e sonoridade é reconhecida há muito tempo. Segundo a autora, Jespersen (1904) já apontava que, em cada elocução, há várias sílabas e há, também, claros picos de sonoridade. Ainda segundo a autora, Sievers (1881) observou que, em geral, entre qualquer membro de uma sílaba e o pico, somente sons de alta sonoridade são permitidos. Essas observações e outras mais são referidas geralmente como *Sonority Sequencing Generalization* (em português, Generalização da Sequenciação de Sonoridade): “Between any member of a syllable and the syllable peak, a sonority rise or plateau must occur”<sup>7</sup> (BLEVINS, 1993, p. 210).

Jakobson (1941, p. 68) reflete que as línguas gostam de *contrastes máximos* dentro da sílaba. Freitas e Santos (2001) observam que uma sílaba constituída por uma oclusiva seguida de uma vogal corresponderá ao padrão preferencial nas línguas do mundo, pois ambos os segmentos se encontram nos extremos opostos da escala de sonoridade: “Uma sílaba é, assim, tanto mais natural quanto maior for a distância de sonoridade entre os segmentos que a constituem” (FREITAS; SANTOS, 2001, p. 54).

Para expressar as diferenças quanto ao número dos segmentos permitidos nas sílabas de diferentes línguas, é usado um molde silábico. Este consiste em uma afirmação geral a respeito da estrutura – máxima e mínima - possível de sílabas em uma determinada língua, isto é, da

<sup>6</sup> “Assumimos, como Ohala (1996), que ‘a silabicidade é uma construção perceptual, ou seja, criada na mente do ouvinte’. Na verdade, os falantes intuitivamente ‘sentem’ a existência real das sílabas e esse sentimento é evidente em algum tipo de linguagem lapsi.” (MATEUS; D’ANDRADE, 2002, p. 38, tradução nossa).

<sup>7</sup> “Entre qualquer membro de uma sílaba e o pico da sílaba, um aumento de sonoridade ou platô deve ocorrer.” (BLEVINS, 1993, p. 210, tradução nossa).

determinação da quantidade de elementos (ou segmentos) permitidos em uma sílaba em uma determinada língua.

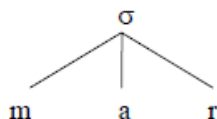
## TEORIAS NÃO-LINEARES: O TRATAMENTO DA SÍLABA

As Teorias não-lineares são um conjunto de modelos fonológicos que buscam analisar a fala hierarquicamente, e não como uma combinação unidimensionalmente ordenada de segmentos. Assim, segmentos formam sílabas, que, por sua vez, formavam pés, que formavam palavras fonológicas etc. Como modelos não-lineares, encontram-se as fonologias autosegmental, métrica, lexical, da sílaba e prosódica.

Para o estudo de processos fonológicos, especialmente o sândi vocálico externo, além de ser importante entender a concepção sobre o que é uma sílaba, outro aspecto essencial é como ela se constitui internamente.

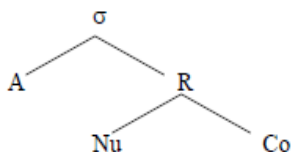
A história da sílaba na teoria fonológica começa a ser escrita desde a Escola de Praga, pelos prosodicistas de Londres, passando pelo estruturalismo americano, até a moderna teoria gerativa. Inclui ainda a fonologia autosegmental e métrica, percorrendo um trajeto de crescente importância a cada década. Nos primeiros estudos da fonologia Gerativa no Sound Pattern of English - SPE - de Chomsky & Halle (1968), a sílaba não foi profundamente abordada. As palavras eram vistas como seqüências de consoantes e vogais. Contudo, este “lapso” foi imediatamente percebido, seja por simpatizantes, seja por críticos da teoria, surgindo assim, uma série de revisões e de novos estudos sobre a sílaba, salientando sua importância na fonologia. Podem-se citar os trabalhos de Fudge 1969, Hooper 1972 e Vennemann 1972. Porém, ainda antes do SPE, os estudos de Pike e Pike 1942 e de Hockett 1955 são considerados por Blevins (1995), obras clássicas voltadas para a análise da sílaba. (MENDONÇA, 2003, p. 1).

Para formalizar a estrutura interna da sílaba, há, em linhas gerais, duas teorias: a teoria autosegmental e a da constituência silábica. A primeira, formulada por Kahn (1976), considera que os segmentos estão ligados diretamente às sílabas, demonstrando que o relacionamento entre os três elementos é igual e que somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas (8):



(8)

Atribui-se à sílaba uma estrutura particular de constituintes internos, como demonstrado por Selkirk (1999, p. 341), baseada em propostas anteriores (PIKE; PIKE, 1947), (9):



(9)

De acordo com esse modelo apresentado, a sílaba é definida como uma estrutura organizada em constituintes silábicos: a sílaba ( $\sigma$ ) se ramifica em Ataque e Rima; por sua vez, a Rima pode ramificar-se em Núcleo e Coda.

Ataque refere-se à primeira parte da sílaba, ou seja, se refere à(s) consoante(s) que ocorre(m) antes da vogal nuclear. A Rima refere-se à segunda parte da sílaba – vogal mais consoante(s) pós-nuclear(es). Na Rima, há a parte que identifica a vogal, que recebe o nome de Núcleo; a parte que identifica a consoante é a Coda. Esse tipo de representação fonológica facilita a representação de regras fonotáticas e, também, a definição de contextos. Todavia, nem todas as palavras têm todos esses componentes.

As línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Há línguas que permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima. Há línguas que permitem um segmento no ataque e dois na rima. Por outro lado, há línguas que permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda. (COLLISCHONN, 1996, p. 101).

Assim sendo, os constituintes silábicos podem ser associados a zero, um ou dois elementos, por exemplo: o Ataque pode ser vazio. A Rima, que tem o constituinte mais importante, segundo Freitas e Santos (2001), sempre terá um Núcleo e opcionalmente a Coda. É através do núcleo que existem os outros constituintes silábicos: “A identidade da sílaba é definida a partir da existência de um Núcleo, único constituinte obrigatório e associado a uma vogal” (FREITAS; SANTOS, 2001, p. 27).

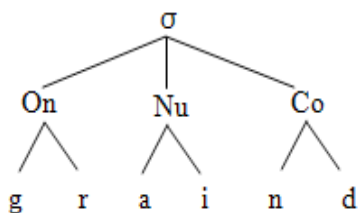
Os constituintes silábicos podem ainda apresentar ramificação ou não. O Ataque ramificado (10) corresponde a duas consoantes e, conseqüentemente, a duas posições no esqueleto da sílaba. Ao Ataque não ramificado corresponde somente uma consoante – constituindo um ataque simples (11) – ou a nenhuma consoante, ou seja, vazio (12) – sem segmentos.

	(10)	(11)	(12)
C	C V	C V	V
C		C	C

Assim como o Ataque, os outros constituintes silábicos podem ser ramificados ou não. Ademais, com exceção do núcleo, podem ser vazios. Independentemente do molde silábico de diferentes línguas, Selkirk (1999) diz que o agrupamento de pico e coda em um constituinte é defendido como um universal de composição da sílaba.

Hogg e McCully (1991, p. 36) também consideram que “[...] the syllable is composed of three parts, namely an initial consonant sequence or onset, a sequence of nonconsonantal

segments, the nucleus, and a final sequence of consonantal segments which is called the coda”<sup>8</sup> e dão o seguinte exemplo (13):



(13)

Ainda segundo os autores, existem boas razões distribucionais para supor que há pelo menos três componentes distintos que vão compor uma sílaba e, também, há boas razões para supor que a distribuição desses três componentes não se limita a ficar em uma relação linear. Assim, como Selkirk (1999), pensam que eles estão relacionados por algum tipo de hierarquia.

## TEORIA DA OTIMALIDADE

A Teoria da Otimalidade (TO) (SMOLENSKY; PRINCE, 1993) é um modelo representacional e postula que a gramática universal contém conjuntos de restrições universais, restrições violáveis, diferentemente dos princípios do modelo de princípios e parâmetros, que sempre têm de ser respeitados. O que determina que, em uma língua certas restrições serão violadas ou não, é o *ranking* entre elas. Para cada língua, há um *ranking* específico constituído pelas restrições, que são as mesmas para todas as línguas.

Além disso, a teoria postula que a fonologia opera sobre formas lexicais, de entrada, chamada *inputs*, traduzidos, no componente fonológico, em formas de saídas, chamadas de *outputs*. Para cada *input*, uma série de possíveis *outputs* é produzida, dos quais um será eleito o *output* ótimo. A escolha do *output* ótimo dá-se pela comparação de todos os possíveis *outputs* com as restrições ranqueadas: aquele que satisfizer da melhor forma o conjunto de restrições, será o *output* ótimo. A descrição da sílaba na TO não usa o esquema arbóreo (9), mas sim um *tableau* (14), junto a um arcabouço construído por uma série de princípios e de restrições.

(14)

/input/	Restrição 1	Restrição 2	Restrição 3
output 1		*	**
output 2	*!		
output 3		**!	

Fonte: Matzenauer e Azevedo (2017, p. 4).

<sup>8</sup> “[...] a sílaba é composta de três partes, a saber, uma sequência consonantal inicial ou onset, uma sequência de segmentos não consoantes, o núcleo e uma sequência final de segmentos consonantais que é chamada de coda” (HOGG; MCCULLY, 1991, p. 36, tradução nossa).

Massini-Cagliari (2006) aponta que, em termos fonológicos, tradicionalmente os processos de sândi vocálico externo vêm sendo descritos como casos de ressilabificação; no entanto, como mostra Face (1998), ao reexaminar o processo de ressilabificação em espanhol no quadro da TO, a adoção da ideia de que todas as restrições operam simultaneamente torna essa noção de ressilabificação impossível (como não há derivação, não se pode silabificar e, depois, ressilabificar). Dessa forma, a partir de Prince e Somlensky (1993), os processos intervocabulares de elisão e de ditongação passaram a ser vistos como estratégias de reparação de estruturas silábicas menos perfeitas, em direção à obtenção da sílaba universal CV. Nesse contexto, a elisão é uma estratégia para resolver uma sequência VV, criada quando uma palavra terminada em (C)V é seguida por outra iniciada por V, gerando  $CV_1\#V_2$ .

## RESULTADOS OBTIDOS

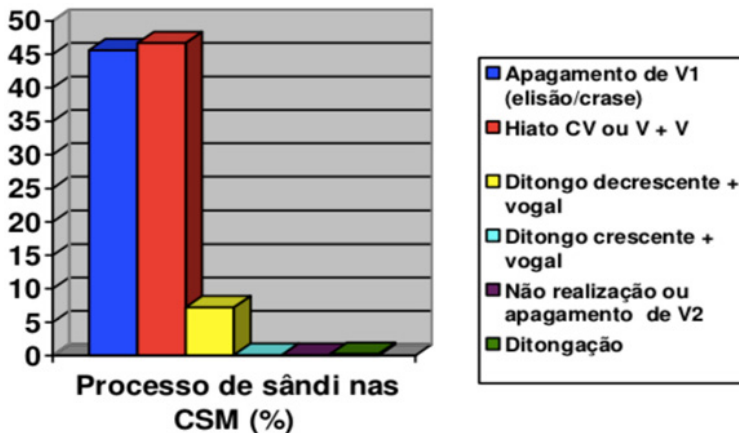
A partir da metodologia apresentada, foram mapeados todos os casos de encontros vocálicos intervocabulares, classificando-se cada caso de acordo com o fenômeno de sândi verificado. Nesta seção, trazemos a análise dos dados obtidos durante o mapeamento dos dados relativos às CSM presentes nos códigos To e T. Feito o mapeamento quantitativo, é necessário que os dados obtidos sejam interpretados qualitativamente, à luz das teorias fonológicas. Como a proposta deste trabalho é tratar de teoria e análise linguística em diferentes abordagens, analisamos os dados à luz das teorias não-lineares e à da TO.

Todas as soluções adotadas pelo trovador ajudaram-nos a evidenciar os limites entre as possibilidades e as impossibilidades de processos fonológicos de vogais em juntura vocabular dentro do sistema. Dessa forma, nosso estudo torna-se relevante, pois consiste em apontar as tendências principais da língua, em termos de silabações ótimas e excepcionais no PA, e aspectos rítmicos.

O hiato que surge na frase do português arcaico por combinação de palavras tende a dar lugar, muitas vezes, à elisão, à crase e à ditongação. Passamos às resoluções identificadas nas ocorrências mapeadas e buscamos explicitar, à luz das teorias fonológicas não-lineares, a motivação das ocorrências e a representação dos processos.

Foram mapeadas, no âmbito das 200 primeiras CSM, todas as soluções para o encontro de vogais em juntura de palavras. Os resultados encontrados foram 13.722 ocorrências de encontros vocálicos intervocabulares. Destes, conforme mostra o Gráfico 1, 6.255 casos (45,6%) são referentes ao apagamento de  $V_1$  (elisão/crase); 6.409 casos (46,7%), referentes ao hiato de sílaba final CV ou V com vogal inicial da segunda palavra; 985 casos (7,2%), aos hiatos de sílaba final ditongos decrescentes (VV) com vogal; 16 casos (0,1%), aos hiatos sílaba final ditongos crescentes (VV) com vogal; 18 casos (0,1%), a não realização ou ao apagamento da vogal da segunda palavra ( $V_2$ ); e 39 casos (0,3%), aos processos de ditongação. Veremos a seguir cada resolução detalhadamente.

Gráfico 1: Soluções para os encontros vocálicos nas CSM



Fonte: Cangemi (2014, p. 135).

A elisão como solução de encontros vocálicos entre palavras é encontrada em 6.255 dados (45,6%) do total de todos os processos envolvendo vogais em juntura vocabular no PA. Trata-se de uma solução não majoritária, mas estatisticamente relevante. Os casos mais típicos de elisão ocorrem quando a vogal átona da primeira palavra é /e/ ou /o/ - exemplos em (15):

(15)

E os judeus, que **sempr' acostumad' an** (CSM 27; verso 70)

**sempr' acostumad' an** = sempre + acostumado + an

Ao analisarmos a Tabela 1, podemos notar que há algo a mais do que apenas a restrição quanto à qualidade da vogal átona final da primeira palavra (que tem que necessariamente ser /a/, /e/ ou /o/) para a ocorrência da elisão. Percebemos uma diferença no comportamento de alguns dos exemplos, quando comparamos os casos de elisão, se a vogal átona final da primeira palavra é /a/, com aqueles em que a vogal apagada é /e/ ou /o/.

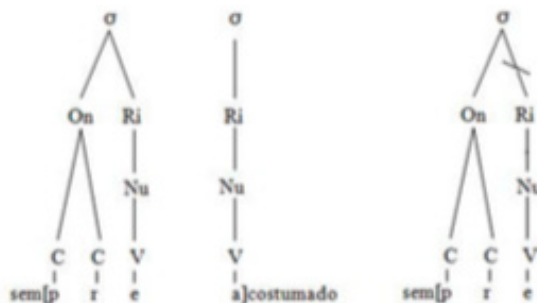
Tabela 1: Apagamento de  $V_1$  nas CSM

Vogal final da primeira palavra ( $V_1$ )	Vogal inicial da segunda palavra ( $V_2$ )	Quantidade	Porcentagem
a +	a (a, $\tilde{a}$ /an)	106	1,69%
	e (e, $\tilde{e}$ /en)	77	1,23%
	é (/ɛ/)	4	0,06%
	i	1	0,02%
	o	8	0,13%
	ó (/ɔ/)	2	0,03%
	u ( $\tilde{u}$ /un)	4	0,06%
<b>Subtotal:</b>	<b>a + V</b>	<b>202</b>	<b>3,23%</b>
e +	a (a, $\tilde{a}$ /an)	1597	25,53%
	e (e, $\tilde{e}$ /en)	1173	18,75%
	é (/ɛ/)	155	2,48%
	i	129	2,06%
	o	1010	16,15%
	ó (/ɔ/)	7	0,11%
	u ( $\tilde{u}$ /un)	210	3,36%
<b>Subtotal:</b>	<b>e + V</b>	<b>4281</b>	<b>68,44%</b>
o +	a (a, $\tilde{a}$ /an)	634	10,14%
	e (e, $\tilde{e}$ /en)	737	11,78%
	é (/ɛ/)	91	1,45%
	i	42	0,67%
	o	227	3,63%
	ó (/ɔ/)	4	0,06%
	u ( $\tilde{u}$ /un)	37	0,59%
<b>Subtotal:</b>	<b>o + V</b>	<b>1772</b>	<b>28,33%</b>
<b>TOTAL</b>		<b>6255</b>	<b>100%</b>

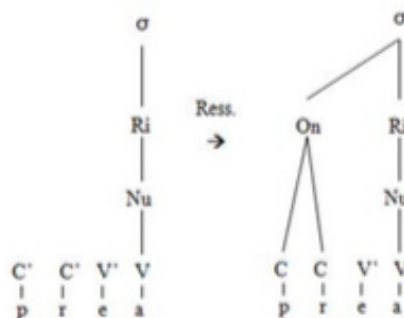
Fonte: Cangemi (2014, p. 148).

Nos modelos não-lineares, o *onset* da sílaba final da primeira palavra é ligado à primeira sílaba (s) da palavra seguinte – (16). Este constitui o movimento mais recorrente nas resoluções em elisão nas CSM:

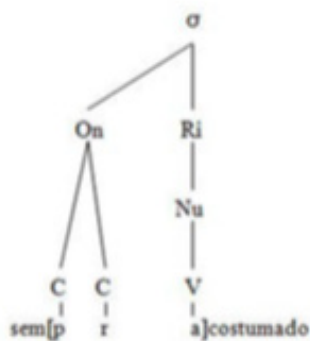
a.



b.



c.



(16)

A elisão consiste no apagamento da vogal cuja sílaba foi perdida e na rresilabação da consoante flutuante como *onset* da sílaba subsistente. Nas CSM, pudemos notar que, assim como no PB (BISOL, 1996, 2002, 2003), é apagada a vogal final em posição não-acentuada no final do item lexical, quando este é seguido por outro item que começa por vogal de qualidade diferente.

Em termos da TO, a opção das línguas pela elisão pode ser expressa pela hierarquização de apenas duas restrições: ONSET e MAX. ONSET, da família das restrições responsáveis pelos



princípios de silabação das línguas, estabelece que sílabas que possuem *onset* são melhores do que as que têm esse constituinte vazio. Já MAX é uma restrição de fidelidade, que opera no sentido de verificar se os elementos presentes no *input* também estão igualmente presentes no *output*; do ponto de vista da avaliação efetuada por MAX, são melhores palavras as que não apaguem qualquer elemento do *input*. Em termos resumidos, pode-se dizer que a opção das línguas pela elisão ou pelo hiato reside no estabelecimento de uma hierarquia entre os princípios de silabação e de fidelidade. Se a silabação for mais importante, ONSET será hierarquizada acima de MAX, e o resultado é a elisão; se, ao contrário, a língua optar por resolver os casos de V#V a partir da manutenção do hiato, isso significa que a fidelidade ao *input* é o que mais conta, e que MAX se sobrepõe a ONSET.

Do ponto de vista da TO, a hierarquização de ONSET sobre MAX garante que ocorra a elisão em detrimento do hiato, na combinação de palavras, mas não determina qual das vogais é apagada – veja *tableau* (17), em que dois *outputs* são considerados como ótimos.

(17)

	/triste+oje/	ONSET	MAX
a. $\varnothing$	tris.to.je		*
b. $\varnothing$	tris.te.je		*
c.	tris.te.o.je	*	

De acordo com Massini-Cagliari (2006),

[...] para estabelecer qual das duas vogais é apagada em caso de elisão, Casali (1996, p. 24) propõe uma subdivisão a PARSE(F): PARSE(F)-[<sub>w</sub>] prediz que deve ser preservado o segmento em posição inicial de palavra; PARSE(F)-lex preserva, na segmentação, morfemas e palavras lexicais. Lee (2004, p. 4)<sup>9</sup> aparentemente reinterpreta as restrições do tipo PARSE(F) propostas por Casali (1996) como pertencentes à família MAX, de fidelidade, já que militam contra o apagamento de elementos, tornando-as especificações dessa restrição mais geral. Assim, PARSE(F)-[<sub>w</sub>] foi substituída por Lee (2004) por MAX[<sub>w</sub>], bem como PARSE(F)-lex aparece em Lee (2004) como MAX[<sub>LEX</sub>]. As definições adotadas por Lee, no entanto, são as mesmas de Casali (1996, p. 24) [...]. É a hierarquização entre essas duas especificações de MAX que determina qual das duas vogais será apagada, na elisão. Se MAX[<sub>w</sub>] domina MAX[<sub>LEX</sub>], a vogal final da primeira palavra (V1) é apagada; se, ao contrário, MAX[<sub>LEX</sub>] está mais alta do que MAX[<sub>w</sub>] na hierarquia, então a segunda vogal (a vogal inicial da segunda palavra) é apagada.<sup>10</sup> (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 89).

<sup>9</sup>O trabalho de Lee (2004) intitula-se *Sobre os encontros vocálicos do Português Brasileiro: uma abordagem baseada na Teoria da Otimidade* e foi apresentado no VIII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia e II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia em São Luís, Universidade Federal do Maranhão, de 15 a 18 de novembro de 2004. Posteriormente, o trabalho foi publicado em LEE, S.-H. *Sobre os Encontros Vocálicos no Português Brasileiro: uma abordagem baseada na Teoria da Otimidade*. *Lingua(gem)*, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 205-222, 2005.

<sup>10</sup>MAX[<sub>w</sub>]: o segmento na posição inicial de palavra no *input* é mantido no *output*.  
MAX[<sub>LEX</sub>]: as palavras lexicais e os morfemas lexicais do *input* são mantidos no *output*.

Como mostram os dados, no PA, a vogal elidida é sempre a vogal final átona da primeira palavra (mesmo quando esta equivale ao morfema lexical que expressa gênero). Massini-Cagliari (2006, p. 90) indica que “[...] a hierarquia correta é  $MAX_{[w]} \gg MAX_{[LEX]}$ . Já a relação hierárquica de ONSET com essas duas restrições é estabelecida com base no grau de naturalidade dos candidatos a output; em ordem decrescente de naturalidade, tem-se: tris.to.je, com elisão de  $V_1$ , mais recorrente”.

(18)

	/triste+oje/	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX]}$
a. ♂	tris.to.je			*
b.	tris.te.o.je		*	
c.	tris.te.je	*		

Para dar conta da séria restrição quanto à qualidade da primeira vogal para que ocorra a elisão ( $V_1$  tem de ser, obrigatoriamente, /e/ ou /o/; caso  $V_1$  seja diferente de /e, o/, ou seja, se  $V_1 = /a, \varepsilon, i, \upsilon, o, u/$ , a elisão fica barrada e a única solução possível para o encontro vocálico é o hiato),  $MAX_{[LEX]}$  é dividida em  $MAX_{[LEX(V)]}$  e  $MAX_{[LEX(e,o)]}$ .

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apagamento de  $V_1$  foi a resolução mais adotada para resolver o encontro de vogais em juntura vocabular. Na elisão, duas palavras entram em contato, sendo a última sílaba da primeira palavra átona e terminada por vogal /a,e,o/ e a segunda palavra iniciada por uma vogal, independentemente de sua qualidade rítmica. O choque de núcleos silábicos desfaz a sílaba final da primeira palavra ( $V_1$ ) – mais fraca em termos prosódicos e, conseqüentemente, ocorre uma ressilabação.

Em relação aos modelos teóricos, o estudo feito até o presente momento nos leva a tecer algumas considerações. Pela exposição dos resultados do mapeamento e as propostas qualitativas das teorias, é possível verificar que, em termos explicativos, as Teorias não-lineares, especialmente às relacionadas a sílabas, contêm maior poder explicativo do processo fonológico de elisão.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. Acento frasal e os processos fonológicos segmentais. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 41-50, 1996.
- ABAURRE, M.; GALVES, C.; SCARPA, E. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (org.). **Estudos da prosódia**. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 285-323.
- AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria** editadas por Rodrigues Lapa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933.

- AFONSO X, O SABIO. **Cantigas de Santa María**: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.
- ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**: edición facsímil del códice T.I.1 de la Biblioteca de San Lorenzo el Real de El Escorial, siglo XIII. Madrid: Edilan, 1979. v. 2.
- ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**: edición facsímil del códice B.R.20 de la Biblioteca Centrale de Florencia, siglo XIII. Madrid: Edilan, 1989-91. v. 2.
- BISOL, L. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 231-250.
- BISOL, L. A elisão, uma regra variável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 319-330, 2000.
- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. **Probus**, [s. l.], v. 15. n. 2. p. 177-200, 2003.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez. 1992.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (ed.). **The handbook of Phonological Theory**. Cambridge: Oxford UK Blackwell, 1995. p. 206-244.
- CAGLIARI, L. C. Aspectos aerodinâmicos do Português Brasileiro. In: BORBA, F. (org.). **Filologia e Linguística**. São Paulo: T.A. Queiroz - EDUSP, 1981. v. 1. p. 105-116.
- CÂMARA JR., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CANGEMI, A. **Sândi vocálico externo no Português Arcaico**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.
- CASALI, R. **Resolving Hiatus**. 1996. Tese (Doutorado em Filosofia na Linguística) - University of California, Los Angeles, 1996. Disponível em: <https://linguistics.ucla.edu/images/stories/casali.1996.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 95-126.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005[1996]. p. 101-134.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed., 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FACE, T. L. Reexamining Spanish “Resyllabification”. **Rutgers Optimality Archives**, 1-12, 1998. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/291-1298/291-1298-FACE-0-0.PDF>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FREITAS, M.; SANTOS, A. Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna. **Cadernos de língua portuguesa 2**. Lisboa: Edições Colibri. 2001.

HOGG, R.; MCCULLY, C. B. **Metrical Phonology**: a coursebook. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

JAKOBSON, R. **Child language, aphasia and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1941.

JESPERSEN, O. **Lehrbuch der Phonetik**. Leipzig and Berlin, 1904.

KAHN, D. **Syllable-based generalizations in English Phonology**. Cambridge: MIT, 1976.

LAPA, M. Introdução. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria editadas por Rodrigues Lapa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933. p. III-VIII.

LEÃO, Â. **Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio**: aspectos culturais e literários. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEÃO, Â. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. **Ensaio**: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores**: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. 2005. Tese (Livre docência em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo**: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS - EIEM, 4., 2001, Belo Horizonte. **Proceedings** [...]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos linguísticos e usos estilísticos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 76-94, 2006.

MATEUS, M.; D’ANDRADE, E. Syllable structure. In: MATEUS, M.; D’ANDRADE, E. (org.). **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 38-64.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MATZENAUR, C.; AZEVEDO, R. ReVEL na Escola: Fonologia em Teoria da Otimidade. **ReVEL**, [s. l.], v. 15, n. 28, p. 1-22, 2017.

MENDONÇA, C. A sílaba em fonologia. **Working Papers em Lingüística**, Florianópolis, n. 7, p. 21-40, 2003.

METTMANN, W. (ed.). **Alfonso X, el Sabio**. Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986. v. 1.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

O'CALLAGHAN, J. **Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography**. Boston: Brill, 1998.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. **Anuario de estudios literarios galegos**, Vigo, p. 179-205, 1998.

PIKE, K; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. **Internacional Journal of Applied Linguistics**, [s. l.], 13, p. 78-91, 1947.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar**. Technical Report, Rutgers University and University of Colorado, Boulder, USA, 1993.

ROACH, P. **English phonetics and phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SELKIRK, E. The syllable (1982). In: GOLDSMITH, J. (ed.) **Phonological theory: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishers Inc., 1999. p. 328-350.

SIEVERS, E. **Grundzüge der Phonetik**. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1881.

TENANI, L. Domínios prosódicos e processos de reestruturação silábica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 32, p. 1-4, 2003.

TENANI, L. O efeito de eurritmia e a degeminação. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 33, p. 928-932, 2004.

TENANI, L. Sândi vocálico e estrutura prosódica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 31, p. 1-4, 2002.

TRASK, R. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (org.). **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.

*Recebido em: jun. 2020.*

*Aceito em: jul. 2020.*